

ECONOMIA SEGURANÇA SOCIAL

# Pensões vão mesmo baixar para 40% do salário? Talvez não, admitem Finanças

A taxa de substituição das pensões vai descer, mas não necessariamente para 40% do último salário. Ministério das Finanças, que tutela a entidade que fez os cálculos, admite limitações nesta leitura. Bruxelas tem outras projeções que variam segundo a carreira, mas mais elevadas.



Catarina Almeida Pereira

SEGUIR

23 de Julho de 2025 às 08:00

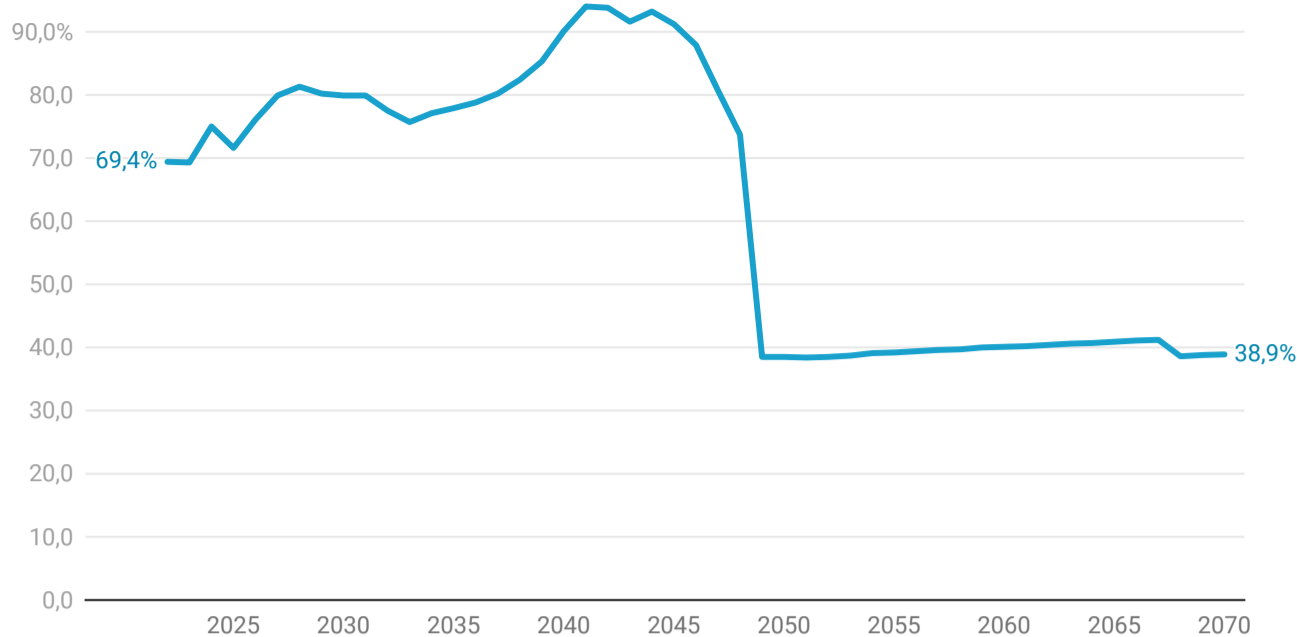
A ideia de que **as pensões vão baixar para cerca de 40% do último salário**, muito referida no debate público, é retirada de um relatório altamente conceituado da Comissão Europeia, o Ageing Report. Contudo, vários especialistas têm apontado incongruências aos resultados e, questionado pelo Negócios, o **Ministério das Finanças** – que tutela o Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (GPEARI), responsável pelos cálculos – responde que **os valores em causa não são adequados para avaliar até que ponto é que a chamada taxa de substituição vai baixar**. Isto porque o Ageing Report é um relatório elaborado com outro objetivo, o de projetar a despesa com o envelhecimento, numa perspetiva macroeconómica.

Em causa estão as projeções da chamada taxa de substituição, que por definição expressa o valor da primeira pensão esperada face ao último salário (em percentagem). Há projeções de várias instituições, com outras metodologias, e as do Ageing Report, publicado de três em três anos pela Comissão Europeia, indicam na versão mais recente, de 2024, que a taxa de substituição bruta vai **evoluir em Portugal de 69,4% em 2022 para 91,2% em 2045 e para 38,9% em 2070**. Ou seja, que a partir do final da década de 2040, para um último salário de mil euros, a pensão seria sensivelmente de 400 euros (sem contar com os efeitos fiscais que atenuam a diferença).

Contudo, como já explicámos, olhando para os dados ano a ano, o que se verifica é que a taxa bruta de substituição sobe até 94% em 2041, descendo depois para 80,7% em 2047, para 73,7% logo no ano seguinte (2048) e para 38,5% um ano depois (em 2049). Ou seja, **depois de subir, cai abruptamente 42,2 pontos percentuais em apenas dois anos**, ficando próximo de 40% nas duas décadas seguintes (como ilustra o gráfico). Tanto a subida como a descida súbita geram alguma perplexidade à luz das regras de cálculo das pensões, já que tanto as da Segurança Social como as da Caixa Geral de Aposentações (CGA) **consideram, de forma progressiva, cada vez mais, de ano para ano, toda a carreira contributiva, o que, pelo menos para um caso tipo, faria imaginar uma trajetória de progressiva descida da taxa de substituição**.

## Como evoluem ano a ano as projeções

Taxa de substituição bruta para Portugal, em percentagem



Fonte: Comissão Europeia (Ageing Report 2024) • Criado com [Datawrapper](#)

Às dúvidas sobre as oscilações soma-se o facto de a quebra abrupta ser justificada, num documento técnico sobre Portugal, com o fim das pensões atribuídas pela CGA, quando os funcionários públicos, que têm por regra carreiras mais longas e melhores salários, se vão continuar a reformar (ainda que pela Segurança Social) e com o facto de as pensões da CGA representarem uma pequena parte de todas as pensões (cerca de um quinto), não sendo dominantes. O documento reconhece, ainda, que no caso de Portugal não se comparou o valor das novas pensões com os dos últimos salários – conceito de taxa de substituição – mas antes com os salários médios da economia (efeito este que pode sobrestimar a taxa).

O Negócios colocou uma série de questões à Comissão Europeia, que remeteu as perguntas para os autores dos cálculos, feitos pelo GPEARI, tutelado pelas Finanças.

“A taxa de substituição das pensões calculada no Ageing Report 2024 destina-se essencialmente a projetar a despesa pública com pensões e não o valor que cada pensionista poderá receber no futuro. Esta taxa é calculada com base na pensão média mensal dos novos pensionistas de velhice do sistema contributivo (sistema previdencial e CGA) a dividir pelo salário médio mensal da economia (variável que resulta das hipóteses macroeconómicas)”, refere fonte oficial do Ministério das Finanças.

### Pensões vão mesmo baixar para 40% do salário? Talvez não, admitem Finanças



Suplemento das pensões.mp4

“Usar este indicador, construído com base em médias que agregam casos muito dispare, como indicador do que cada um dos atuais contribuintes irá receber no futuro, não é adequado”, prossegue fonte oficial. “Para esse fim, existe o ‘Pensions Adequacy Report’, também da Comissão Europeia, que apresenta as taxas de substituição para o

**presente e para o futuro, para beneficiários tipo e de acordo com as regras do sistema de pensões vigente**". Neste segundo relatório, que é complementar ao Ageing Report, a taxa de substituição também cai, mas para o caso específico de uma carreira de 40 anos até à idade da reforma, para 69,4% do último salário em 2062, o que corresponde a 87% em termos líquidos ([ver texto complementar](#)).

Quanto à quebra do final da década de 2040, "está relacionada com o fim do regime da CGA e com a expectativa de que, por essa altura, todos os atuais pensionistas deste regime já se tenham reformado". É que a **"evolução salarial dos novos funcionários das administrações públicas é bastante diferente da evolução salarial dos funcionários públicos da CGA que estão a aceder à pensão de velhice"** pelo que os novos trabalhadores do Estado inscritos na Segurança Social, sobretudo desde 2006, não compensam as saídas em número ou salário.

O Negócios pediu ao Ministério das Finanças a evolução, por anos, da taxa de substituição na Caixa Geral de Aposentações (CGA), por um lado, e da Segurança Social, por outro, mas não obteve resposta a esta questão.

**“ Usar este indicador, construído com base em médias que agregam casos muito dispares, como indicador do que cada um dos atuais contribuintes irá receber no futuro, não é adequado.**

Fonte oficial do Ministério das Finanças

### **Taxa de substituição vai baixar, mas para quanto?**

O que está em causa é saber se esta é uma boa forma de avaliar os efeitos das fórmulas de cálculo das pensões, que para travar despesa passaram a considerar toda a carreira, mas de forma progressiva. Isto acontece tanto na Segurança Social (onde além da parcela baseada nos melhores dez dos últimos cinco anos há uma segunda parcela com peso crescente de ano para ano que considera toda a carreira) como na Caixa Geral de Aposentações (onde além da parcela que tem por base o salário de 2005, há igualmente uma segunda, crescente, que considera toda a carreira de 2006 para cá).

**"Há todas as razões para acreditar que a taxa de substituição vai baixar"**, constata Armindo Silva, antigo diretor na Comissão Europeia da área do emprego e proteção social. Mas **"as projeções da taxa de substituição que constam do Ageing Report não são suficientemente robustas para permitir que se tirem conclusões de ordem política"**, já que são um **"produto derivado"** de um relatório cujo objetivo é estimar o impacto financeiro do envelhecimento. Sublinhando que **"não são de esperar taxas de substituição na ordem dos 40%"**, Vítor Junqueira, ex-diretor do CNP, questiona a quebra abrupta, tendo em conta que os funcionários públicos, que têm em regra melhores salários e carreiras mais densas, se continuam a reformar pela Segurança Social. Já para Valdemar Duarte, membro da direção da Associação Portuguesa de Fundos de Investimento, Pensões e Patrimónios (APFIPP) **"o que é estranho é a subida abrupta para a casa dos 90%"** (ver caixas). Na verdade, como reconhecem, cada caso é um caso, dependendo muito dos salários e da duração da carreira contributiva.

#### **Armindo Silva: quebra abrupta "não é de maneira nenhuma justificável"**

**"As projeções da taxa de substituição que constam do Ageing Report não são suficientemente robustas para permitir que se tirem conclusões de ordem política"**, diz o economista Armindo Silva. Em causa está **"um produto derivado" de um modelo que serve antes para medir os efeitos financeiros do envelhecimento**. O antigo diretor na Comissão Europeia da área do emprego e proteção social encontra nas taxas do Ageing Report **"uma série de deficiências"**. A primeira é não se ter feito uma análise separada dos pensionistas da CGA e da Segurança Social, quando os dados indicam uma redução súbita para 40%. **"Isto não é de maneira nenhuma justificável porque o número de pensionistas da CGA é muito inferior ao número de pensionistas da Segurança Social"**. A segunda é considerar apenas taxas de substituição brutas (e não líquidas) e de não se analisarem diferenças de carreira ou por género, quando os dados os reais já **mostraram diferenças de 15 pontos percentuais**. Embora considere mais corretas as pensões do Adequacy Report, reconhece que estas também não assumem características do caso português como a precariedade ou a diferença entre géneros. **"Há todas as razões para acreditar que a taxa de substituição vai baixar. Não sabemos é quando, a que ritmo e como vai afetar as diferentes categorias sociais e profissionais"**, diz. **"Conclusão: precisamos de mais trabalho."**

#### **Vítor Junqueira: "Não deixarão de existir novos pensionistas do setor público"**

Acompanhando a ideia de que as taxas de substituição variam muito consoante a carreira, e as dúvidas sobre a metodologia do Ageing Report, Vítor Junqueira, ex-diretor do Centro Nacional de Pensões, explica que embora a fórmula da Segurança Social passe a considerar toda a carreira, o que por si só, como estimou, **tem efeitos negativos no valor da pensão**, há outras mudanças que atuam em sentido contrário: por cada ano a chamada formação da pensão pode ir até aos 2,3%, para salários mais baixos. **"Uma pessoa com 40 anos de carreira pode ter uma pensão que corresponde a 92% do seu salário médio, enquanto no passado o máximo seria 80%."** O efeito positivo da taxa de formação "poderá não compensar totalmente [a consideração de toda a carreira], mas não são de esperar reduções tão abruptas como as que estão associados a taxas de substituição na ordem dos 40%", refere, reiterando ideias que já tinha defendido em entrevista à Renascença e numa conferência do jornal digital Eco. Por outro lado, os novos pensionistas no setor público **"deixam de existir na CGA, mas isso não significa que deixem de existir"** novos pensionistas no setor público, com pensões pagas pela Segurança Social, e que vão continuar a ter remunerações mais altas e carreiras mais completas que levam a pensões mais elevadas" do que no privado. **"É aí que está o erro de desenho desta previsão"**, conclui.

### **Valdemar Duarte: "O que é estranho é a subida abrupta para a casa dos 90%"**

Valdemar Duarte, membro da direção da Associação Portuguesa de Fundos de Investimento, Pensões e Patrimónios (APFIPP), acredita que a metodologia do Ageing Report "é importante, e ver a sua continuidade também", tem dúvidas sobre se os dados são individualizados ou apurados "por agregados económicos indiretos", como parecem sugerir as Finanças. **"O único que é estranho é a subida abrupta para a casa dos 90% [em 2042] porque nos casos atuais de pessoas que se reformam não consigo encontrar casos acima dos 60%"** na Segurança Social, indica, referindo-se, portanto, às taxas de substituição efetivas, e não teóricas, e alertando que em qualquer caso "valores abaixo ou acima dos 40%", que não fogem às projeções da APFIPP, confirmam a importância de generalizar mecanismos complementares de reforma. Questionado sobre os cálculos do mesmo relatório que indicam que, se considerarmos, além das pensões públicas, **também as pensões dos fundos de pensões privados, a taxa de substituição ainda é mais baixa** – de cerca de menos 2,1 pontos em 22, menos 4,2 pontos em 2045 e menos 1,9 pontos em 2070, quando baixa para 37% – o também diretor-geral da Ageas Pensões, uma sociedade gestora de fundos de pensões privados, diz que tal só pode acontecer **"caso se esteja a usar uma massa salarial eventualmente mais alta"**. E sublinha que no mesmo documento o peso dos regimes complementares (atual e futuro) é inferior a 1% do PIB.

LEIA TAMBÉM

**[Bruxelas vê queda súbita nas novas pensões por fim das regras da CGA](#)**

LEIA TAMBÉM

**[Mulheres reformam-se com 58% dos últimos salários](#)**

LEIA TAMBÉM

**[Salários que contam para a pensão baixam 20% com nova regra](#)**

### **Obrigado por apoiar o nosso jornalismo.**

No Negócios temos como missão disponibilizar informação económica fiável, atual e relevante. E se a batalha pela relevância é uma responsabilidade que nos cabe, no novo enquadramento do setor a capacidade de continuarmos a desempenhar o nosso papel depende cada vez mais do investimento do leitor. Agradecemos a sua confiança. Vamos continuar a trabalhar para a merecer.

**C-STUDIO**

C-Studio é a marca que representa a área de Conteúdos Patrocinados do universo Medialivre. Aqui as marcas podem contar as suas histórias e experiências.